

Modalidade do resumo: Expandido

Área temática: Planejamento e Gestão da Educação; Educação para o enfrentamento das violências.

Classificação do trabalho: Iniciação Científica

A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: VIOLÊNCIAS E INDISCIPLINAS NO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA REGULAR

Alice Miriam Happ Botler¹

Monaliza Holanda dos Santos²

¹Docente/pesquisadora do Depto de Administração Escolar e Planejamento Educacional e vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação - CE - UFPE
alicebotler@gmail.com

²Estudante do curso de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação - CE - UFPE

Resumo:

Introdução: O presente artigo apresenta parte dos resultados de pesquisa intitulada **Gestão escolar, justiça e indisciplinas**, que tem como referência geral a área da Gestão Escolar e foi motivado em vista das repercussões das políticas educacionais desde os anos 1980. Estudar as **violências** é relevante, especialmente no campo educacional pois o termo pode ser confundido com transgressões, incivildades ou **indisciplinas**. Apresentamos um recorte da pesquisa que tem como **objetivo** analisar as concepções que sujeitos escolares têm de violências e indisciplinas na organização escolar e tomamos como base teóricos como Abramovay e Rua, Charlot e Fraser, além de Bardin que nos auxilia na metodologia de abordagem qualitativa do tipo estudo de caso e na Análise de Conteúdo para análise dos dados. A literatura que trata das violências observa a ampliação e aprofundamento do problema desde os anos 1980, momento em que a democratização do acesso à escolarização introduz no sistema educacional uma diversidade de sujeitos provenientes das distintas classes, gerando novas demandas para a organização escolar, o que merece ser analisado. **Metodologia:** A pesquisa se deu em uma escola da Rede Estadual de Educação de Pernambuco de tempo integral, localizada em região central da cidade de Recife. Adotamos a abordagem qualitativa do tipo estudo de caso, tendo como fundamentação analítica a abordagem da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1979). Aplicamos questionários a alunos do ensino médio, entrevistas a professores e gestores, além de observação direta de práticas relacionadas com as indisciplinas e violências no cotidiano escolar. Soma-se um total de 23 sujeitos (19 estudantes, 2 professores, 1 coordenadora de apoio e 1 gestora), cujas expressões foram tratadas categoricamente, analisadas e interpretadas, relacionando e respondendo aos objetivos da pesquisa. **Resultados e discussão:** A indisciplina é vista por alunos como práticas relativas ao não seguimento de regras e falta de respeito ao outro, a

exemplo de não realizarem atividades solicitadas em aula pelo professor, conversarem e atrapalharem a aula, mexerem no celular e outro, mostrando clareza de que indisciplina é transgressão. Segundo Charlot (2002, p.6) “A transgressão é o comportamento contrário ao regulamento interno do estabelecimento (mas não ilegal do ponto de vista da lei): absenteísmo, não-realização de trabalhos escolares, falta de respeito, etc.”. O que nos intriga é que, apesar de conscientes, a praticam. Porque será? Compreendemos que a *cultura da escola* é frequentemente diferente da *cultura adolescente*, o que acaba por evidenciar interesses contrários e faz com que os adolescentes procurem uma forma de autoafirmação, via quebra de normas na escola. A equipe escolar também vê a indisciplina como não seguimento de regras e associada a tumultos e confusões, a exemplo de conversas em aula, protestos, uso indevido do celular. Fraser (2014, p. 276-277) afirma que “Devemos religar a subjetividade e a objetividade [...], apreciar a criatividade dos oprimidos, validar seu desejo por uma vida melhor e seu impulso para a construção de sentido.”, alertando para a necessidade de agentes escolares entenderem os alunos para além do que está obviamente exposto, reconhecendo seus valores, desejos e oferecendo-lhes um ensino que lhes faça sentido. A equipe escolar sempre se refere aos alunos quanto à indisciplina, o que retrata como a gestão concebe e se envolve (ou não) com as suas necessidades. Segundo uma pesquisa de Botler e Silva (2014), em relação aos professores “a maioria se percebe como vítima de indisciplinas, mas não como autor, o que revela a responsabilização sobre o outro, mas nunca sobre si”. (p. 16). De modo que um olhar reflexivo sobre si e suas práticas se faz desafiador. Compreendemos que, na medida em que há incidência de **indisciplinas** sobre as quais não se estabelece uma ação sistemática, o risco de estas virem a se materializar como **violências** é grande. As concepções de violências trazidas por alunos, docentes e equipe escolar são congruentes: práticas relativas à agressão física, verbal, furtos e tudo aquilo que possa de alguma maneira vir a prejudicar alguém, e a associam a qualquer tipo de ação que resulte numa quebra do diálogo. Um dado que chama a atenção é o de que a incidência de violência, segundo os alunos, ocorre mais entre meninas por motivos de namoro ou por meninos e, no momento da ocorrência de uma briga, eles não procuram ajuda, mas, ao contrário, assumem a posição de “espectadores” e, que, somente depois do ocorrido, buscam alguém da equipe pedagógica, o que denota passividade e pouca solidariedade. Este aspecto coaduna com o que Abramovay e Rua (2002, p. 242) enfatizam: “Geralmente, os estudantes declaram ter participado indiretamente de brigas dentro ou fora da escola. Quando o fazem colocam-se na condição de vítimas ou de plateia e/ou torcida”. O tratamento ofensivo via insultos e xingamentos entre colegas reflete a banalização da violência incorporada nas formas de relacionamento interpessoal, que fere emocionalmente o indivíduo. Abramovay e Rua (2002, p. 240) esclarecem que “Do mesmo modo que as discussões e as ameaças, também as brigas podem não se restringir aos alunos, e ter como contendores professores e diretores, em alguns casos no papel de agressores”. Os conflitos, tanto físicos quanto verbais, caso não sejam observados e tratados com a devida relevância, podem acabar assumindo uma forma cristalizada de relacionamento, gerando certa dinâmica e cultura organizacional da escola como um todo. Nessa circunstância, observamos que professores, gestão e alunos entendem a violência pela mesma perspectiva, mas não se observa alternativas pedagógicas para a sua minimização. Segundo Charlot (2002), estas ocorrem nos comportamentos cotidianos gerando certa tensão no ambiente escolar. A perpetuação de formas

indevidas de tratamento pode acabar se naturalizando e sendo vista como “brincadeira”, podendo ferir integral e moralmente os indivíduos envolvidos, gerando até consequências permanentes em suas vidas. Esse tipo de violência passa despercebida no ritmo frenético do cotidiano escolar, o que nos leva a considerar que a cultura organizacional da instituição está intimamente relacionada ao modo como os atores enxergam e acolhem a escola, assim como outros fatores exógenos e endógenos, a exemplo das relações raciais, xenofobia, racismo, gênero, entre outros. Nesse sentido, consideramos que uma boa gestão se faz também na capacidade de observar e repensar o papel atribuído aos alunos, recebendo estes o devido respeito. **Conclusões:** Os dados analisados levam a perceber que os atores escolares compreendem indisciplina e violência no âmbito da organização escolar, mas não observamos práticas de gestão das relações escolares para minimizá-las. Curioso é que as indisciplinas elencadas pela equipe escolar são, de maneira geral, referentes aos alunos, não a professores ou funcionários. Apesar da compreensão conceitual, há menosprezo do que é considerado como *pequenas agressões*, que se tornam parte da rotina: se cristalizam como cultura escolar e agravam seus efeitos com o aumento das violências. Os dados permitem compreender situações escolares que contribuem para a materialização de práticas nada educativas e manutenção de um ambiente hostil, em carecem ações de gestão da cultura escolar.

Palavras-chave: Educação; Violência; Indisciplina.

Agência de fomento: Pesquisa financiada pelo CNPq (Edital Universal) e FACEPE.

Referências:

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002. BOTLER, Alice; SILVA, Karla Cristian da. **Violências na escola**. Recife, 2014. CHARLOT, Bernard. A violência nas escolas: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 432-443, jul/dez. 2002. FRASER, Nancy. Sobre justiça: lições de Platão, Rawls e Ishiguro. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 15, p. 265-277, set./dez. 2014.